



A DIFERENÇA NO CURRÍCULO PSICOMOTOR: UMA ANÁLISE DA OBRA “EDUCAÇÃO DE CORPO INTEIRO”¹

Pedro Xavier Russo Bonetto²

Marcos Ribeiro das Neves³

Felipe Nunes Quaresma⁴

Marcos Garcia Neira⁵

RESUMO

A presente pesquisa objetivou identificar o tratamento destinado à diferença cultural pelo currículo psicomotor da Educação Física. Para tanto, foi analisada a obra “Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física” de João Batista Freire. Os resultados revelam uma perspectiva conservadora baseada na assimilação da diferença, respaldada na crença do princípio de igualdade independentemente de questões de etnia, gênero, sexualidade, religião ou condição de deficiência. PALAVRAS-CHAVE: Diferença; Educação Física; Currículo.

INTRODUÇÃO

Não há como negar que a democratização do acesso e permanência no Ensino Fundamental, aliada à globalização crescente, modificou por completo o ambiente escolar. Destituídos os antigos dispositivos que forçavam a homogeneidade (segregação, repetência e exclusão), é possível dizer que o *ethos* educacional é plural e diverso, pois nele se faz presente a diferença cultural. Em linhas gerais, a diferença é o outro. O outro é a outra etnia, a outra religião, o outro gênero, a outra classe, o outro corpo. Se considerarmos o contexto da escola pública brasileira, o outro, agora, está ao nosso lado. (SILVA, 2012)

Por ser uma construção histórica e cultural, a identidade se constitui por meio de relações que empreendemos com os outros e, por ser relacional, define-se por meio das relações de poder, que fixam uma identidade como norma, estabelecendo uma hierarquia entre ela e as demais (HALL, 2011).

Entre as instituições responsáveis pela produção da identidade e da diferença, destaca-se a escola e, mais especificamente, o currículo (MACEDO, 2009). Concebido como prática discursiva, como modo de significação, o currículo é um dispositivo

1 Pesquisa realizada com apoio da FAPESP, processo nº 2015/08168-3, e CNPq, processo nº 472463/2013-6.

2 Universidade Ibirapuera (UNIB), psorpedro@yahoo.com.br

3 Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME/SP), marcos_ribeiro79@yahoo.com.br

4 Secretaria Estadual da Educação de São Paulo (SEE/SP), felipenq@yahoo.com.br

5 Universidade de São Paulo (USP), mgneira@usp.br

de normalização, instituindo a maneira correta de ser, ou seja, a identidade e, por consequência, a diferença. No âmbito da Educação Física, o trabalho de Neira (2011) assinalou que os currículos do componente fixam identidades, podendo ser tomados como espaços racializados, genderizados e classizados. Na visão do autor, ao selecionarem determinados conteúdos, operam como uma maquinaria que estabelece a etnia adequada, o gênero melhor, a classe social de referência e a mobilidade correta.

Lopes e Macedo (2011) afirmam que toda teoria de ensino é também uma teoria de currículo. Debruçaram-se sobre as pedagogias tradicional, escola novista, tecnicista, críticas e as pós-críticas para abstrair concepções curriculares. No campo da Educação Física, Neira e Nunes (2009) replicaram o processo, denominando de “currículos” às propostas de intervenção na área: ginástico, esportivista, desenvolvimentista, psicomotor, da saúde, crítico e pós-crítico. Cada qual tem em vista a formação de um determinado sujeito, baseando-se em epistemologias distintas e adotando princípios e procedimentos singulares.

Neste estudo analisamos como a teoria curricular psicomotora aborda a diferença. A discussão partiu de sua obra mais representativa, a “Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física”, de João Batista Freire, publicada em 1989. O exercício de analisá-la é, ao nosso ver, uma maneira de repensar e oxigenar uma narrativa que tem inspirado milhares de professores na organização e desenvolvimento do trabalho pedagógico. O texto foi submetido à análise crítico-filosófica com o intuito de localizar a diferença e examinar o tratamento que lhe é destinado.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Influenciado pela psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget e pela psicomotricidade de Jean Le Boulch, o texto de Freire (1989) recupera princípios desenvolvimentistas e propõe atividades e materiais pedagógicos para cada faixa etária. Recorre à defesa que Le Boulch (1982) faz da educação pelo movimento e adota a explicação piagetiana dos estágios sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório formal e da taxonomia do jogo: simbólico, de construção e social.

As aulas de Educação Física voltam-se ao aprimoramento da cognição, motricidade, socialização e afetividade, contribuindo para a aprendizagem de conteúdos e valores prezados por outras disciplinas. Trata-se de uma proposta que descreve como as crianças devem se movimentar, pensar e comportar-se em cada fase da vida. Generaliza a partir de uma concepção de infância romântica e moderna, segmentada em primeira e segunda.

Todos nós temos alguma ideia de como é a criança: ela se arrasta, engatinha, corre, pula, joga, fantasia, faz e fala coisas que nós, adultos, nem sempre entendemos (...). Alguns dizem, com razão, que nessa questão do movimento, a atual geração infantil de apartamento movimenta mais os dedos num videogame e num sintonizador de televisão do que o corpo como um todo. Outras crianças, como as da favela, não brincam, trabalham para sobreviver. (FREIRE, 1989, p. 12).

O texto defende que na escola deva predominar o jogo educativo, adotado como recurso pedagógico para o desenvolvimento de comportamentos padronizados: habilidades motoras e cognitivas, noções de tempo e espaço, manipulação fina de objetos e o desenvolvimento de lógicas de seriação, conservação, classificação, cooperação e respeito às regras.

Embora a obra faça muitas ressalvas e advertências sobre os riscos da homogeneização, o jogo e o movimento são dados como fundamentais para a vida das crianças. “Creio, na minha parte, que todas as propostas sérias de desenvolvimento poderiam ser realizadas dentro do jogo, aproveitando seu caráter lúdico”. (FREIRE, 1989, p. 76). Todavia, em momento algum sugere que se pergunte às crianças se elas brincam ou como brincam. Colocando em circulação um discurso repleto de recomendações didáticas acríicas, o livro cai como uma luva nas mãos daqueles que querem receitas prontas.

As contradições não param por aí:

Os professores devem estar permanentemente preocupados com as habilidades motoras. Devem certificar-se de que seus alunos são capazes de correr, saltar, girar, rolar, trepar, lutar, lançar e pegar objetos, equilibrar-se etc. Porém, não devem esquecer-se de que essas habilidades são a expressão de um ser humano, de um organismo integrado (FREIRE, 1989, p. 76).

Parece não haver dúvidas de que a identidade almejada é um sujeito que atingiu patamares elevados de desenvolvimento. Outras condições de identidade são solapadas por homogeneizações fundantes: “o brinquedo infantil tem cumprido a importante missão de aperfeiçoar o acervo motor, elevando-o ao nível necessário” (p. 112), “Quando brincam de amarelinha, as crianças, principalmente quando já estão hábeis nesse jogo, executam uma quantidade enorme de saltos, aumentando, sem dúvida, sua força de salto, habilidade fundamental para a realização de inúmeras atividades importantes para o desenvolvimento infantil em todos os seus aspectos” (p. 128), e que “para essas crianças tudo reduz-se ao concreto, daí a denominação operatório-concreto, dada por Piaget ao período que coincide com a escola primária, ou seja, um momento da vida em que esta é ‘vista’ pelo corpo” (p. 134).

Mesmo admitindo que as crianças chegam com uma certa “bagagem” à escola, é interessante observar que a menção à diferença se pauta na ausência do desenvolvimento esperado.

As diferenças [grifo nosso] entre crianças de um grupo aparentemente homogêneo são muito grandes. Enquanto a classificação dos objetos em pequenos e médios não é problema para algumas, outras só conseguem resolver o problema em relação aos muito grandes ou aos muito pequenos (FREIRE, 1989, p. 73)

O discurso normalizador é evidente quando se refere ao trato da diferença. “Não há duas crianças iguais, portanto, a partir da proposta, cada uma apresentará uma reação particular: uma mais veloz, outra menos; uma compreende mais os problemas, outras menos” (p. 206). Entretanto, as recomendações didáticas deixam transparecer que o trabalho pedagógico deve apagar-las ou corrigi-las.

Depois de algum tempo de prática, elas conseguem um relativo êxito na tarefa, não tanto quanto a outra criança que já partiu de um nível bem mais

elevado que o delas. No entanto, quem melhorou mais? É possível que uma tenha ido do nível 2 ao nível 6, enquanto a outra tenha partido do 5 e chegado ao 7. Portanto, o desenvolvimento da primeira foi mais significativo (FREIRE, 1989, p. 206).

Cabe sinalizar que qualquer classificação do movimento em níveis é mera construção discursiva, portanto, arbitrária e provisória. Contudo, seus efeitos promovem a criação de “tipos” de sujeitos, enquanto uns se tornam identidade (nível 7) outros, excluídos, são a diferença (níveis 1, 2 ou 3).

Embora pareça reconhecer a diferença relacionada ao gênero quando menciona o tratamento distinto que o componente confere a meninos e meninas, o texto apoia-se em teorias inatistas que tratam o assunto de forma dicotômica. Ingenuamente, propõe combater a discriminação nas aulas de Educação Física, mas reforça discursos preconceituosos e generalizantes desprovidos de senso crítico: “Era interessante observar como as construções dos meninos eram voltadas para prédios e fazendas, pontes, enquanto as meninas se dedicavam mais a arranjos domésticos, como geladeiras, camas e televisores” (FREIRE, 1989, p. 71).

Enfim, considerando a preocupação que nos levou a analisar a obra, pode-se concluir que subsiste uma certa sensibilidade à condição de diferença, porém, sempre a partir de uma única concepção de infância. Atualmente, diante do acúmulo de conhecimentos produzidos pela Sociologia da Infância, especialmente quando defende a existência de inúmeras infâncias, é importante questionar: será mesmo que todas as crianças são especialistas em brinquedos e se desenvolvem conforme as teorias anunciadas ou esta é uma visão estereotipada e romântica que segue nublando as representações dos professores de Educação Física?

ONDE ESTÁ E COMO É TRATADA A DIFERENÇA

É importante destacar que a obra foi escrita no final da década de 1980, o que nos obriga a considerar o contexto social, as políticas emergentes na época, os discursos em evidência e, principalmente, os conhecimentos disponíveis à época. É justo dizer que o panorama epistemológico atual é bem distinto daquele. Temos à disposição ferramentas de análise que naquele momento inexistiam.

Apesar da proposta analisada apresentar uma ruptura importante diante da hegemonia do currículo esportivista, nossas análises sinalizam que o currículo psicomotor possui certa fragilidade no tocante ao trato da diferença. Mesmo que existam passagens em que se concebem as pessoas como diferentes, isso, por si só constitui uma postura descritiva, o que em nada contribui para desconstruir as forças que produzem a diferença. Antes de qualquer coisa, é preciso analisar como a diferença se relaciona e o que desencadeou a sua produção.

A perspectiva psicomotora de Freire (1989) chega a identificar a diferença. Todavia, tanto as atividades sugeridas como os objetivos apontados revelam que o projeto educacional generaliza os sujeitos, além de conferir um caráter quase milagroso aos jogos e brincadeiras que, pelo efeito anunciado, causam o apagamento e a homogeneização das outras formas de ser e viver. A diferença é sinônimo de problema, anormalidade, falta, necessidade e insuficiência, deixando de lado demandas importantes como, por exemplo, a lida com as diferentes culturas que habitam os currículos sem assimilá-las.

THE DIFFERENCE IN THE PSYCHOMOTOR CURRICULUM: AN ANALYSIS OF THE WORK “EDUCAÇÃO DE CORPO INTEIRO”

ABSTRACT: *The present research aimed to identify the treatment destined to cultural difference by the psychomotor curriculum of Physical Education. For that, the work “Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física” by João Batista Freire was analyzed. The results reveal a conservative perspective based on the assimilation of difference, supported by the belief of the principle of equality regardless of ethnicity, gender, sexuality, religion or disability status.*

KEYWORDS: *Difference; Physical Education; Curriculum.*

LA DIFERENCIA EN EL CURRÍCULUM PSICOMOTOR: ANÁLISIS DE LA OBRA “EDUCAÇÃO DE CORPO INTEIRO”

RESUMEN: *Esta investigación tuvo como objetivo identificar el tratamiento a la diferencia cultural en el currículum psicomotor de la educación física. Por lo tanto, analizamos la obra “Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física” escrita por João Batista Freire. Los resultados revelan un enfoque conservador basado en la asimilación de la diferencia y apoyado en la creencia del principio de igualdad, independientemente de las cuestiones de género, etnia, sexualidad, religión o condición de discapacidad.*

PALABRAS CLAVE: *Diferencia; Educación Física; Plan de estudios.*

REFERÊNCIAS

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1989.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor do nascimento até os 6 anos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de currículo.** São Paulo: Cortez, 2011.

NEIRA, M. G. **Educação Física:**a reflexão e a prática do ensino. São Paulo: Blucher, 2011.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura.** São Paulo: Phorte, 2009.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: Forense/Universitária. s/d.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença:**a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.